

# A PERMANÊNCIA DA FORÇA CRIATIVA DA LINGUAGEM RITUAL NA PÓS-MODERNIDADE: “EXU AGODÔ... O SANGUE EU TI DEI... MAS A CARNE EU NÃO DOU”.<sup>1</sup>

*PRATES, Admilson Eustáquio (Universidade Estadual de Montes Claros).<sup>2</sup>*

## Introdução

Este texto é resultado do trabalho de campo realizado em uma casa de culto afro-sertanejo que toca Quimbanda, Umbanda e Candomblé de nação Angola, Roça Gongobira Ungunzo Mochicongo, na cidade de Montes Claros/MG. A pesquisa de campo, neste terreiro, concentrou sua atenção em compreender o imaginário de Exu a partir dos adeptos dos rituais de Quimbanda, utilizando como fontes às lendas e as cantigas de Exu e Pombagira.

Uma vez que para o senso comum, a imagem acerca de Exu é associada à representação que os cristãos têm do diabo. Entendem-no como uma coisa<sup>3</sup> maléfica, o anjo que foi expulso do céu por desejar o lugar de Deus. Mas, para o povo-de-santo nos rituais de Quimbanda da Roça Gongobira Ungunzo Mochicongo, essa representação não é reducionista e simplória, pois Exu para eles é mistério, uma entidade que não é definida, como retrata a lenda:

No tempo dos Inkissys<sup>4</sup>, houve uma reunião numa grande mesa com todos os Inkissys – os Inkissys não são partes que se uniram, mas unidade que se dividia para melhor cuidar do mundo - para discutir sobre as questões em torno da criação do mundo. E foram distribuídas a função e a responsabilidade para cada Inkissy. Cada um defendeu a idéia que cada ser no mundo deveria ser determinado pelas forças da natureza, aonde cada um seria guardião de um dos elemetos da terra. Por exemplo, Inkissy Katendê seria responsável pela folhas, Inkissy Dandalunda, pelas águas doces (rio, fontes e cachoeira), e outro pelas pedreiras, e assim por diante. Exu é contra essa idéia dos seres estarem presos aos destinos das forças naturais e sobrenaturais. Ele defendeu a idéia da liberdade para todos os seres desde a pedra até o ser humano. Essa idéia foi rejeitada pelos membros da mesa. Como Exu não pode dar liberdade a todos os seres do mundo, presenteou aos seres humanos.<sup>5</sup>

Neste mito, ser livre é um presente de Exu, característica que constrói toda a trama do ser humano no universo. O indivíduo não escolheu ser livre, mas é presenteado por Exu, ficando a espécie humana condenada ao desequilíbrio<sup>6</sup>, ao desejo, ao amor, ao ódio, ao trânsito entre a luz e a sombra<sup>7</sup>.

Exu, para os adeptos da Quimbanda, vai mediar a relação entre os seres humano e os Inkissys. Assim como é cantado nos cultos de Quimbanda:

Se precisar de mim é só mandar me chamar...

Acendi uma vela pra almas que Exu Tranca-rua vai te ajudar  
 Se precisar de mim é só mandar me chamar...  
 Acendi uma vela pra almas que Exu Tranca-rua vai te ajudar;  
 Ele é Tranca-rua das almas...  
 Ele é.<sup>8</sup> (pesquisa de campo)

## Exu: princípio de vida

Dessa maneira, deixa o indivíduo livre, mas não sozinho no universo, estando sempre à disposição para ajudá-lo a superar os obstáculos do cotidiano. Nesse ponto-cantado, Exu, para atender o ser humano, solicita uma vela acesa para as almas, que significa: “Anima, ar, sopro, principio da vida; o masculino, animus, designa a sede do pensamento, mas também a do sentimento e das paixões” (Russ, 1994,9).

Comparando a explicação do dicionário com o ponto-cantado, Exu é a síntese entre o pensamento e o sentimento transformado em princípio de vida. E a vela acesa é a chama que queima, que transforma, identificando o fogo com o próprio Exu na visão dos admiradores.

Observa-se que, empiricamente nos rituais de Quimbanda da Roça Gongobira Ungunzo Mochicongo, nos trabalhos<sup>9</sup> feitos para Exu se utiliza o sangue como elemento que dá vida, poder de transformar a tristeza em alegria, dor em prazer. Partindo da relação entre o sangue e o fogo, o filósofo Bachelard escreve: “Considera-se que o fogo *normal do sangue* é de uma pureza: no sangue ‘reside esse fogo vivificante graças ao qual o homem existe, por isso é sempre o último a se corromper’ (1999,153-154). Neste trabalho, logo após o corte<sup>10</sup> feito para essa entidade, o *Tateto Ria Inkissy Sessy Kiluacy*<sup>11</sup> grita: “Exu agodô... o sangue eu te dei... mas a carne eu não dou”. Agodô quer dizer caminho, estrada, aberturas de caminhos. Percebe-se nesta entidade movimento.

Leva... leva... leva...  
 Leva meu vodum... todo meu querequer...  
 Todo mal aqui que tinha.  
 ||  
 Leva... leva... leva... Exu...  
 Leva para as ondas do mar.  
 Se as ondas do mar forem fracas, Exu  
 Leva paras as encruzilhadas. (pesquisa de campo)

Segundo o *Tateto Ria Inkissy Sessy Kiluacy*, “damos o sangue da criação para Exu porque o sangue é vida, poder. E é com o sangue que Exu trabalha. Transforma

as coisas. Por isso, o sangue é para Exu. Para Exu trabalhar. E a carne é para fazer a farofa. Pra gente comer”.

### **Exu: encontro, desencontro e reencontro**

Nesse sentido, Exu é concebido como movimento, como encontros, desencontros e reencontros, sendo simbolizado pelo espaço da rua e da encruzilhada. A encruzilhada é o lugar onde os vários caminhos se encontram, produzindo no imaginário dos admiradores de Exu a idéia de ponte que liga um lugar a outros lugares. Comunicação. Dessa forma, Passos (1999), em sua dissertação *“Exu pede passagem”*, apresenta elementos que confirmam a relação direta da entidade com o espaço da rua:

Exu rege os caminhos e os espaços. (...), dentro da filosofia do Candomblé, somente um orixá tão importante quando Exu fosse capaz de reger algo tão complexo quanto o espaço. A encruzilhada é dele, pois é o lugar onde dois espaços se cruzam. Ela não precisa, apesar do nome, ser necessariamente em forma de cruz, ou seja, abrindo a possibilidade de quatro escolhas. Pode ser em forma de T ou, como nas antigas cidades gregas, de Y. Aí, as opções ou escolhas podem ser em número de três. Ou pode ser uma “encruzilhada” que permita uma, entre duas possibilidades. (Passos,1999,155)

Apesar da autora direcionar-se, na sua reflexão, ao Exu visto no Candomblé, empiricamente pode-se observar que o povo-de-santo da Quimbanda, em Montes Claros, comunga da mesma idéia de que a encruzilhada e a rua são alguns dos espaços onde Exu é cultuado e adorado, demarcando assim o espaço sagrado.

Exu foi um anjo que no céu foi desprezado  
Lá no meio da encruza  
Exu foi coroado  
Lá no meio da encruza Exu foi coroado  
II  
Exu no terreiro é rei  
Na encruza ele é doutor...  
Exu no terreiro é rei  
Na encruza ele é doutor...  
Exu no terreiro é rei  
Na encruza ele é doutor... (pesquisa de campo)

Esse elemento sacralizado representa a via do real. Entendendo o real como trânsito, atrito entre aquilo que o indivíduo é e aquilo que não é, mas deseja ser, a luta entre os opostos, equilíbrio e desequilíbrio. Constante movimento. Para tanto, escreve Trindade (2006,23-24):

Desta maneira, o universo é concebido como um complexo de forças que se defrontam, se opondo ou se neutralizando. O equilíbrio atingido na configuração dos sistemas não implica em harmonia estática e estruturada, mas é sempre um equilíbrio instável dirigido por princípios dinâmicos e estruturantes. O princípio dinâmico da existência cósmica e humana é simbolizado, nas religiões ioruba e fon, pela divindade de Exu. Exu é um princípio. Pertence e participa de todos os domínios da existência cósmica e humana. Ele representa e transforma o *àse* (força mágica sagrada) que designa, em *nagô*, a força vital que assegura a existência dinâmica, permitindo o acontecer e o devir.

Esse conflito humano é incorporado nos cultos de Quimbanda, que possibilitam aos admiradores sair de uma realidade concreta, organizada dentro do padrão lógico da racionalidade analítico-sintética – apolínea - para outra realidade - dionisíaca.

## O ritual

Este ritual de Exu, dionisíaco, desenvolve-se com uma seqüência de movimentos e passos rítmicos, movido pelo som da música, com voz aguda ou grave muito elevada que exprime dor ou alegria, dependendo do contexto, com risos e gargalhadas, com comidas e bebidas, em um ambiente com sombra incompleta, ponto de transição entre a luz e a escuridão. É marcante nesse ritual a música entoada por atabaques, triângulos, chichiques, palmas e pela voz dos admiradores, expressando sedução e desejo, por exemplo:

Malandro tu conhece melão?  
É uma frutinha que esparrama pelo chão...  
Vou subir lá no alto da favela  
e dizer ao marido dela que eu me apaixonei por ela... (pesquisa de campo)

Ou resistência ao modelo de trabalho proletariado:

De manhã cedo quando desço a ladeira...  
a nega pensa que eu vou trabalhar...  
trabalhaarr! Trabalhar pra quê?  
Se eu trabalhar eu vou morrer...  
De manhã cedo quando desço a ladeira...  
a nega pensa que eu vou trabalhar...  
trabalhaarr! Trabalharr pra quê?  
Se eu trabalhar eu vou morrer...

Os sonhos e os desejos reprimidos no cotidiano são vivenciados pelo povo-de-santo dentro de um ambiente onde os pontos-cantados, as oferendas (farofas,

cachaça, velas), os gestos, os movimentos rítmicos, possibilitam criar uma outra realidade tensa que incorpora medo, temor, admiração e proteção. Como explica Otto (1985):

Só uma expressão apresenta-se capaz de exprimir a coisa: é o sentimento do *mysterium tremendum*, do mistério que faz tremer. O sentimento que ele provoca pode se espalhar na alma como um calafrio. É a onda de quietude de um profundo recolhimento espiritual. Esse sentimento pode transformar-se também num estado de alma constantemente fluído, semelhante a uma ressonância que se prolonga por muito tempo, mas que termina por se apagar na alma que volta ao seu estado profano. Pode também surgir bruscamente na alma como choque e convulsões. Pode conduzir às estranhas excitações, a alucinações, a transportes e a êxtase. (Otto, 1985,17-18)

### A cosmogonia da Quimbanda

A cosmogonia em torno de Exu se divide em Exu-macho e Exu-fêmea – a Pomba-Gira. O primeiro são os homens ou crianças do sexo masculino que possuem determinada função, segundo os religiosos da Quimbanda. Por exemplo, o *Escora*<sup>12</sup> é um Exu que trabalha em pé, comunica-se de maneira clara, expressando a cultura da última encarnação. Esse tipo de Exu nasce da lenda de quando socorreu um homem doente, dizendo: “levanta-te e segue adiante de mim, que vou te *escorando* por detrás, até chegar aos pés de quem possa te salvar nesta emergência”. Esta entidade pode ser um homem de qualquer cor ou classe social tendo vivido no Brasil, segundo os simpatizantes do terreiro observado, assim como expressa Birman (1985):

É notória a ambigüidade moral dos exus. Se, por alguns são nitidamente associados ao diabo, por alguns são considerados seres amorais, ambíguos, que por isso mesmo são representados como bons mediadores, capazes de quebrar galhos, excelentes abridores de caminhos. (Birman,1985,42)

Este grau hierárquico de Exu expressa alegria, sedução, risos e gargalhadas, sendo compreendido como a entidade que sustenta os trabalhos “pesados”, na fala dos admiradores.

Por outro lado, existe o Exu das Trevas, ou conhecido também como o *Terra-Terra*, que simboliza a própria desgraça, o desespero, o próprio Satanás. Estes são entendidos como elementos que não têm luz ou qualquer princípio moral, assim como expressa Trindade (1985,115): “A identificação de Exu com o demônio se faz principalmente ao nível de magia.” Trindade continua em seu livro *Exu: Símbolo e Função* a discutir a relação entre Exu, magia e identidade demoníaca:

Exu mágico se torna neste momento, o herói demoníaco que introduz no seu ritual a troca de reciprocidade, constituída de favores e oferendas, numa intensidade e forma desconhecidas no universo africano, pois são realizados estes rituais não mais como de forma comunitária, mas individualizada, atendendo às necessidades particulares a cada fiel carente de soluções mágicas, para seus problemas sociais ou emocionais.(trindade, 1985,120)

A Pomba-Gira poder ser uma mulher que foi prostituta, lavadeira ou uma dama da sociedade que não viveu conforme os padrões morais da época, como mostram os cantos nos terreiros de Quimbanda, “eheheh, pomba-gira é mulher branca depravada... E pomba-gira é mulher das sete encruzilhadas”<sup>13</sup> e “Pomba-gira malvada, por que matou o rapaz? A gente mata, vai preso e Pomba-gira mata e não vai”<sup>14</sup>. Foram mulheres que fizeram aborto, que cobiçaram o marido de outras, etc. “A figura feminina de Exu, a *Pomba-Gira*, está associada a esse lado mais deplorável da mulher, em nossa cultura. A da *mulher da vida*. Da *mulher de vida fácil*. A prostituta.” (Passos,1999,148) e escreve ainda Ligiério

Entre elas há desde sofisticadas cortesãs, como Maria Padilha Rainha, até as mais baratas prostitutas de rua, como a perigosíssima Maria Navalha, que cortava a cara dos fregueses que não queriam pagar. Seu nome, provavelmente derivado do termo quicongo BomboZira (literalmente: encruzilhada), remete aos cultos dedicados pelos bantos a ancestrais femininas de insuperáveis poder e influência sobre o mundo dos vivos. (2000,135)

Vivencia-se a permanência da força criativa na linguagem ritualística nos cultos a Exu, como instrumento que leva os adeptos à sombra que cada um possui, de maneira lúdica e prazerosa, fazendo com que o admirador saia de si mesmo e retorne, demarcando-se como ser de transcendência. A esse respeito, escreve Malandrino:

Exu representa aspectos sombrios de todos nós. Na Umbanda, a sombra em contraposição à luz também é algo a ser cultuado, já que, não sendo, ela pode ocasionar um mal maior. Exu recebe uma projeção de sombra coletiva, mas ao falarmos da sombra coletiva falamos de aspectos que todos nós possuímos, mas muitas vezes, desconhecemos. Tudo que não aceitamos em nós mesmos, que nos parece imoral ou conflitante, constitui a nossa sombra. É algo dinâmico. Pode conter também um lado precioso, bom e criativo, representado por todo o potencial que desconhecemos possuir. (2006,222)

## Considerações Finais

essa entidade, como é expressa na linguagem ritualística, simboliza a relação entre a luz e a escuridão, sem menosprezar ou elevar uma em detrimento a outra, pois

o que compõe a realidade é esta tensão que é expressa em uma permanente linguagem criativa e que no imaginário dos quimbadeiros é atualizada toda vez que o rito é vivenciado. Como podemos encontrar nos estudos feitos por Eliade (2002,53-54)

Ao narrar um mito, reatualizamos de certa forma o tempo sagrado no qual se sucederam os acontecimentos de que falamos. (Aliás, é por isso que nas sociedades tradicionais não se podem narrar os mitos a qualquer hora, nem de qualquer maneira: pode-se narrá-los apenas durante os períodos sagrados, na mata e durante a noite, ou se em torno do fogo antes ou depois dos rituais etc). Em suma, supõe-se que o mito aconteça em um tempo – se nos permitem expressão – intemporal, em um instante sem duração, como certos místicos e filósofos concebem a eternidade. Esta constatação é importante, pois dela resulta que a narração de um mito não é sem consequência para aquele que o recita ou para aqueles que o ouvem. Pelos simples fatos da narração de um mito, o tempo profano é – pelo menos simbolicamente – abolido: narrador e auditório são projetos num tempo sagrado e mítico.

Percebe-se que, pelas observações realizadas nos rituais de Quimbanda em Montes Claros, o Exu manifestado caracteriza a individualização do admirador na construção da própria identidade, num ambiente no qual a linguagem é força que cria e transforma. E essa linguagem faz com que a realidade possa ser apreendida de forma ressignificada toda vez que é pronunciada no tempo e no espaço conveniente.

---

<sup>1</sup> Frase pronunciada após o termino de um corte - sacrifício - para Exu.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia, especialista em Filosofia e Existência, mestrando em Ciências da Religião PUC/SP. Professor de Filosofia na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

<sup>3</sup> Construção simbólica.

<sup>4</sup> Força sobrenatural.

<sup>5</sup> Lenda narrada por Guilherme Dias, adepto do culto afro-sertanejo no dia 05/03/2007.

<sup>6</sup> Entende-se por desequilíbrio a tensão entre a luz e as trevas incorporadas no ser humano.

<sup>7</sup> Ver dissertação *Exu pede passagem*, de Mara de Sá Martins da Costa Passos.

<sup>8</sup> Cantigas ou ponto-cantado que o povo-de-santo entoia durante as cerimônias de Quimbanda.

<sup>9</sup> Rituais, ou seja, é uma prática mágica que interfere no mundo.

<sup>10</sup> Sacrifício de um animal, como um galo ou um bode.

<sup>11</sup> *Tateto Ria Inkissy* significa pai-de-santo, sacerdote do Candomblé de nação Angola. E *Sessy Kiluacy* é nome espiritual que o membro do Candomblé angolano recebe após a feitura de santo, de cabeça - iniciação no Candomblé - conhecida como digina, ou seja, a marca, o registro no mundo do Inkissy (força sobrenatural).

<sup>12</sup> Exu que, segundo os adeptos da Quimbanda, em Montes Claros, tem uma grau maior de elevação no plano espiritual comparando com outros Exus.

<sup>13</sup> Pesquisa de campo

<sup>14</sup> Pesquisa de campo

## Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Subterrâneos da Submissão*:

---

Sentidos do Mal no Imaginário Umbandista. <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/bairrao01.htm>. Acesso em: 24 de março 2007.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Leonardo Cristiane. *A diversidade dos ritos bantos na cidade de Montes Claros: norte do estado de Minas Gerais/Brasil, a partir da segunda metade do século XX*. Montes Claros: Unimontes, 2004.

COSTA, João Batista de Almeida. O Ser da Sociedade Sertaneja e a Invisibilização do Negro no Sertão Norte do Gerais. In: LUZ, Claudia; DAYRELL, Carlos (orgs.). *Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade*. Montes Claros. 2000.

ELIADE, Mircea. *Imagem e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004

LAGES, Sônia Regina C. Exu – o puer aeternus. <http://www.rubedo.psc.br>. Acesso em: 24 de março 2007.

LIGIÉRO, Zeca & Dandara. *Iniciação à Umbanda*. Rio de Janeiro. Nova Era, 2000.

TRINDADE, Liana; COELHO, Lúcia. *Exu: o homem e o mito*. São Pulo: Terceira Margem, 2006

TRINDADE, Liana S. *Exu: símbolo e função*. São Pulo: FFLCH/USP, 1985.

MALANDRINO, Brígida Carla. *Umbanda: mudanças e permanências*. Uma análise simbólica. São Paulo: Educ, 2006.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. [http://www.candomble.i8.com/exu\\_demonizacao.htm](http://www.candomble.i8.com/exu_demonizacao.htm). Acesso em: 02 de abril de 2007.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/pombagi.rtf>. Acesso em: 02 de abril de 2007.

PASSOS, Mara de Sá Martins da Costa. *Exu pede passagem*. (1999) 195 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC. São Paulo.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.